

Aula 5

NO LIMIAR DE UMA HISTÓRIA MAIS PROFISSIONAL...

META

Nesta última lição o aluno será capaz de saber apontar noções gerais sobre a Historiografia Sergipana dos anos de 1970 aos dias atuais. Ao mesmo tempo terá condições de identificar o “lugar” institucional (departamento de Filosofia e História da UFS) que se formatou essa Historiografia.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: entender esse lugar institucional denominada departamento de Filosofia e História da UFS, apreendendo a produção e a divulgação dessa comunidade. Enveredaremos na tentativa de apontar um painel geral da produção recente.

Antônio Lindvaldo Sousa

INTRODUÇÃO

Chegamos ao último capítulo deste nosso livro de História e Historiografia Sergipana. Certamente você irá aprender muito com o mesmo por se tratar de um painel mais geral da escrita do passado de Sergipe mais recente dos anos de 1970 aos dias atuais. Talvez o aluno conheça muitos desses textos e/ou autores mencionados. Tentar identifica-los como parte de um “lugar” institucional e compreender como se formatou esse “lugar”, certamente ajudará a entender por que essa produção foi feita, por que o autor trilhou tal tema e pressupostos teóricos e metodológicos.

Os anos de 1970 foram tempos significativos para a profissionalização da História em Sergipe. Foi nesta mesma década que se produziram os primeiros textos de Historiografia Sergipana. José Calasans Brandão da Silva escreveu seu texto “Introdução ao estudo da Historiografia” e o apresentou a comunidade de pesquisadores que se encontrava no Encontro de História do Nordeste.

Lendo atentamente todos os capítulos deste nosso livro, o prezado aluno saberá o quanto esse texto foi importante para um começo de uma leitura crítica dos nossos trabalhos sobre o passado de Sergipe.

QUARTA FASE DA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA SEGUNDO JCBS

Conforme apontamos na lição anterior, a quarta fase da Historiografia Sergipana, segundo Silva, começaria com a Universidade Federal de Sergipe.

Ele se refere aos novos historiadores dessa quarta fase quando aborda a temática “História Política” Menciona José Silvério Leite Fontes e Maria Thétis Nunes como “figuras expressivas da Universidade Federal de Sergipe, pertencente ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas”. Diz que ambos fizeram publicações recentes sobre a emancipação da capitania de Sergipe Del Rei e a repercussão das lutas de independência do nosso Estado. José Silvério, a propósito de Labatut em Sergipe e Maria Thétis, sobre Sergipe no processo da independência do Brasil. (SILVA, 1992, p.22).

Silva acrescenta mais informações sobre esses autores e essa nova fase da Historiografia Sergipana. Antes de adentrarmos nessas outras informações, propomos entender o próprio texto “Introdução ao estudo da Historiografia Sergipana” como um estudo ligado diretamente a essa fase. Entender quem encomendou esse texto é também iniciar a compreensão desse período.

A COMUNIDADE QUE ENCOMENDOU O TEXTO DE HISTORIOGRAFIA SERGIPANA DE SILVA.

O texto “IEHS estudo da Historiografia Sergipana” tem destinatário certo. O autor não foi desconhecedor da comunidade em que ele se comunicou. Sabia o que queria dizer e, sobretudo, as dificuldades. O autor percebeu os limites do seu texto e os expôs não somente no título do mesmo, como nos referimos na nossa primeira lição deste livro. Consede um parágrafo inicial, uma espécie de guisa de explicação prévia, como “palavras introdutórias” para que o seu trabalho não seja julgado apressadamente. Assinala que possivelmente acometeu-se de muitos erros, omissões, esquecimentos e injustiças. Usa até o termo “benevolência” para que o leitor não seja tão exigente ao que está lendo.

Vejam na íntegra essas palavras introdutórias:

“Todo trabalho inicial deve ser julgado com benevolência. Quem trilha caminho novo, ainda não percorrido por outros, enfrenta dificuldades sem conto, equívocos, incorre em omissões, que não raro se transformam em lamentáveis esquecimentos, senão mesmo clamorosas injustiças. (grifo nosso) Essas palavras introdutórias aqui ficam a guisa de explicação prévia, que é também um apelo à compreensão daqueles que vão discutir e julgar a presente contribuição, elaborada para atender ao honroso pedido de quem generosamente confiou no meu espírito de colaboração, no meu entranhado sergipanismo, no meu possível conhecimento do tema em estudo. (grifo nosso) Agradeço, porém, com o mesmo interesse com que peço indulgência, (grifo nosso) as luzes dos que possam e queiram melhorar o conteúdo desta tarefa”. (SILVA, 1992, p. 9)

Todos esses cuidados do autor com o texto, recomendando benevolência do leitor com o mesmo, não é um procedimento sem sentido, uma recomendação desprovida de uma relação sem mensagem. Ele não está sem vínculo histórico com sua comunidade institucional. Não foge da operacionalidade histórica, ou seja, ele é “costurado” pelo autor em conformidade com a comunidade de historiadores que pertence. O texto contém imagens do passado e se constitui dessa forma via o corte, o recorte, a colagem, como uma montagem de um filme na fase de sua edição, conforme nos sugere Walter Benjamin.

Entender que seu texto é uma montagem requer saber qual a comunidade que o autor pertence. A pequena introdução que o mesmo chama de “guisa de explicação prévia” contém pistas dessa comunidade.

José Calasans externiza que o texto é encomendado por alguém. Diz que é elaborado para “atender ao honroso pedido de quem generosamente confiou no meu espírito de colaboração”. É solicitado para ele apresentar no

“V Simpósio de História do Nordeste”, organizado em 1973. Apresenta-o na abertura desse evento.

Em seguida, ainda ao revelar as intenções do texto, de quem o solicita, escreve: “no meu entranhado sergipanismo”, “no meu possível conhecimento do tema em estudo”. O termo “entranhado”, segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, significa “que se entranhou, introduzido, cravado, arraigado...” (HOUAISS, 2001, p. 1165). Acompanhado do termo “sergipanismo”, sinônimo de sergipanidade, o autor parece expor seu pertencimento a Sergipe.

Ainda justificando porque o texto foi solicitado, declara que é conhecedor do “tema em estudo”. Sente-se à vontade no assunto, por estudar a História de Sergipe.

Para entendermos melhor essa montagem do texto onde o autor diz ter “pertencimento a Sergipe” e de ser “conhecedor do tema estudado”, propomos dialogar com o texto de apresentação do livro do próprio José Calasans denominado “Aracaju e outros temas sergipanos”, publicado pela Fundação Estadual de Cultura /FUNDESC, do governo do Estado de Sergipe, em 1992. Essa apresentação é escrita pela historiadora Maria Thetis Nunes. Esta autora faz essa apresentação desse texto como Presidente do Conselho Estadual de Cultura de Sergipe e possivelmente como a responsável em reunir os textos do autor nessa publicação, inclusive “Introdução aos estudos da Historiografia Sergipana”, que apreciamos no momento.

Nunes utiliza suas lembranças para escrever a apresentação do livro. José Calasans é identificado como um dos incentivadores para a sua carreira de professora e historiadora sergipana. Ela fora aluna dele no antigo Colégio Ateneu e também se tornou amiga do mesmo, mantendo sempre contato.

José Calasans também é apresentado como empenhado no estudo do passado sergipano através do método científico. Diz essa historiadora que ele se dedica a busca de prova do passado. Em outras palavras, diz que o mesmo se debruça nos arquivos de Sergipe como um incansável pesquisador. O entusiasmo pela pesquisa nos arquivos sergipanos, segundo Nunes, traduz uma preocupação com uma escrita da História de Sergipe de cunho mais profissional. Não seria um texto do passado usando compilações de outras obras ou de “ouvir dizer”.

Atentemos para essa declaração de Nunes referindo-se ao autor como aquele que se preocupa com um passado sergipano de forma mais científica.

O autor ao fazer o levantamento de todas as fases da Historiografia Sergipana teve como objetivo comunicar a comunidade que solicitou esse texto, os avanços da História em Sergipe no caminho para a cientificidade. Silva queria falar aos estudiosos do Departamento de História da UFS, na década de 1970, quais os caminhos deveriam ser tomados para o estudo do passado sergipano de forma mais profissional.

O autor diz que um dos caminhos para a cientificidade é a coleta de

documentos para melhor fundamentar o que vai se escrever, para não cair em um estudo do passado cheio de anedotas. Na lição anterior no item que denominamos “A história se faz com fontes...: Um conceito de História segundo Silva”. Percebemos uma chave importante para entender o conceito de História do autor. Ele destaca um pequeno texto denominado “Um discurso de Sílvio Romero” para apontar que este foi o primeiro estudioso a querer uma história mais científica que enfocasse o passado sergipano.

JCBS destaca essa mensagem de Romero como uma fala importante no balanço que estava apresentando sobre a Historiografia Sergipana à comunidade dos historiadores sergipanos. A mensagem do jovem deputado da legislatura de 1874-1875 desejava uma história mais completa e científica. Silva entendia o que o mesmo estava propondo ao incluir a palavra científica. Um texto sobre o passado sergipano pode ser completo em num amontoado de dados. Mas não científica. Na ocasião em que é chamado para esse evento da ANPUH, desejava que a nova fase da Historiografia Sergipana, sob liderança do departamento de História da UFS, fosse a mais completa e, sobretudo, científica.

Esse seu objetivo estava em sintonia com essa comunidade em que ele fazia parte da UFBA e a que “encomendou” seu texto.

A partir dos anos de 1948 não falava do “lugar geográfico” Aracaju, nem do “lugar institucional” IHGSE. Portanto, no ano de 1973, período quando escreve seu texto sobre “Historiografia Sergipana”, ele está em outro “lugar geográfico e institucional”. Situa-se no “lugar geográfico” Salvador e no “lugar institucional” IHGBA e, pouco tempo depois, na UFBA. Esse novo lugar institucional faz com que ele “fale” a partir da comunidade de historiadores baianos.

Como docente na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ensinou História moderna e contemporânea e História do Brasil. Obteve o grau de doutor em Geografia e História em 1951, defendendo, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras desta Universidade, em concurso de livre-docência para História do Brasil, a tese intitulada “O ciclo folclórico do bom Jesus Conselheiro”. Nos anos de 1974/1975 assumiu a direção do Departamento de História dessa faculdade e no período de 1980 a 1984 chegou ao cargo de vice-reitor da Universidade Federal da Bahia.

Assim, em 1973, ao escrever o texto de Historiografia Sergipana e apresentar a comunidade universitária, o historiador Silva falava como professor do curso de História da UFBA. Não vamos aprofundar para entender esse outro pertencimento de José Calasans.

Interessa-nos o seu pertencimento a comunidade de historiadores sergipanos. Silva era bem vindo por essa comunidade não só por ser sergipano. Queria-se ouvi-lo por se tratar de um pesquisador conhecedor do passado sergipano e, sobretudo, preocupado com a História nos

trilhos da ciência. Essa comunidade começava a se preparar para trilhar a profissionalização da História.

Nesse novo lugar da História deveria haver uma história não somente a mais completa. Mas sim, a mais científica. Os historiadores que começavam a transitar nos domínios da História Política em Sergipe receberam sugestões de Silva para que tivesse um caminhar nesse domínio de forma mais profissional. Como vimos acima, ele cita os nomes José Silvério Fontes e Maria Thétis Nunes como figuras expressivas da Universidade Federal de Sergipe. Quando observa os trabalhos de ambos nos domínios da História política, observa que há pouca bibliografia sobre o tema e existe esforço de compensar com documentos pesquisados no Arquivo Nacional, como foi o caso de Nunes.

Esse primeiro comentário sobre trabalhos da quarta fase da Historiografia Sergipana é direcionado em função da cobrança de haver uma história científica. JCBS deixa bastante claro o problema de falta de bibliografia especializada em determinados temas da História Sergipana e os problemas com documentos. Diz ele que os professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade enfrentam problemas para trilhar uma história mais profissionalizante porque faltam meios para organização dos arquivos estaduais, incentivos para os estudos ou coleta de dados nos arquivos da Bahia, Rio de Janeiro e em Portugal. Vamos transcrever o que autor escreveu sobre essa avaliação:

“As dificuldades deparadas pelos titulares do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas em estudo do assunto regional que possui farta bibliografia nacional, indica, de modo claro, a precariedade da historiografia sergipana, ao mesmo tempo em que aponta as responsabilidades da Universidade e do Governo Estadual, que precisam atuar eficazmente visando amparar os estudiosos da História de Sergipe, proporcionando-lhes os meios para organização dos arquivos estaduais e, através de bolsas de estudos a pessoas competentes a busca na Bahia, no Rio de Janeiro e em Portugal, dos documentos que nos tratam para a exata elucidação do passado sergipano. É no manancial luso-brasileiro de documentos inéditos que está a solução para se escrever “a mais perfeita história de Sergipe” a que reportou Sívrio Romero na oração de 1874”. (SILVA, op cit. p. 23)

Observe novamente que ele inclui a fala de Romero da frase sobre a necessidade de uma História mais completa e científica. Em 1973, apresentando seu texto de historiografia a comunidade sergipana, JCBS brada por uma nova história para o passado sergipano.

Seu brado se estende na cobrança que faz da falta de estudos sobre determinados temas. Diz ele que há muito trabalho pela frente no campo

da Historiografia Sergipana. “Certas áreas do saber histórico jamais foram desvendadas, outras apenas mui rapidamente olhadas”. Apontando as áreas escreve: “Praticamente nada sabemos da nossa evolução econômica, da nossa formação social”. Diz ainda que o pouco dos textos que tratam desse tema ficou nas coleções dos jornais provincianos “ou ficam simplesmente como referências, em capítulos de livros sobre outros aspectos da nossa história”. Cobra ensaios sobre a história do gado, do açúcar, do fumo, do algodão, da indústria de tecido, do comércio exportador. Prosseguindo essa cobrança aponta a inexistência “de uma visão de conjunto do envolver econômico do Estado. Aqui e ali, algumas contribuições interessantes”. Cita por exemplo, os trabalhos de Luis Rollemberg, Orlando Dantas, Vasco Neto, Ariosvaldo Figueredo. Finalizando essas cobranças, ele reforça a necessidade de trabalhos na área da História econômica desenvolvendo os trabalhos nos domínios da história literária e do folclore como vem sendo feitos respectivamente por Jacson da Silva Lima e Paulo de Carvalho Neto (SILVA, p.29 e 30)

NOTAS SOBRE A HISTORIOGRAFIA SERGIPANA SEGUNDO JOSÉ SILVÉRIO LEITE FONTES

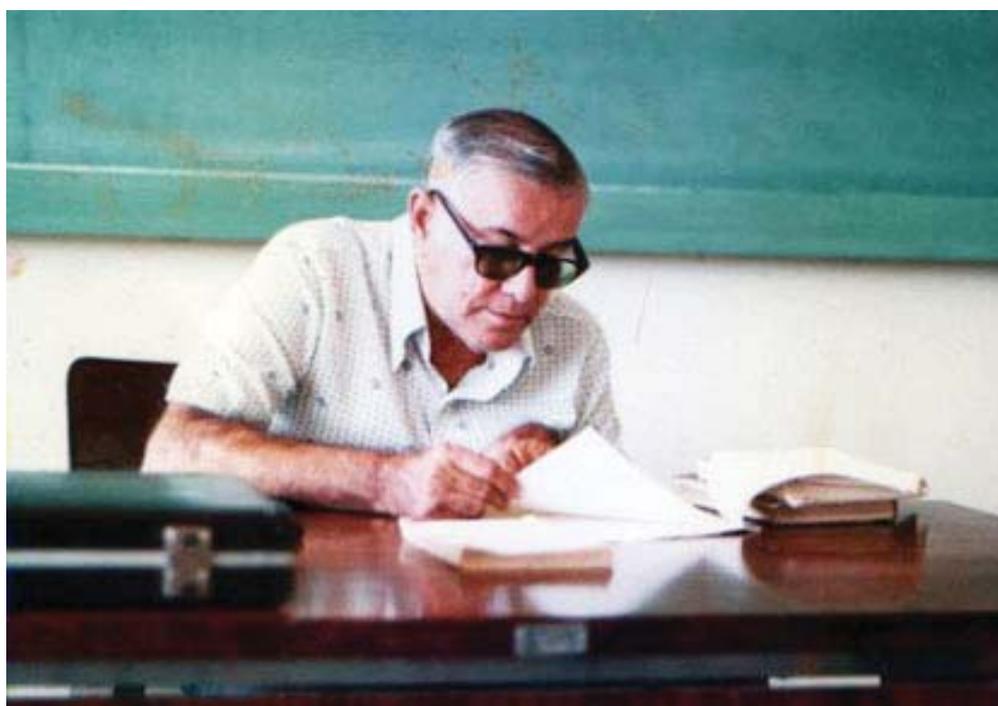


Foto de José Silvério.

Em 1972, José Silvério Leite Fontes, professor do Departamento de História do Instituto de Filosofia e de Ciências humanas da UFS, escreve de forma pioneira o texto “Historiografia Sergipana” como parte de uma publicação maior denominada “Levantamento das fontes primárias da

História de Sergipe”, um ano antes da apresentação do texto “IEHS” de José Calasans, no evento V Simpósio de História do Nordeste, Aracaju.

Esse texto sobre historiografia é dividido em 09 partes: A primeira vinculada ao trabalho de Silva Travassos, “Apontamentos Históricos e Topográficos sobre a Província de Sergipe”, publicado em 1860. O que primeiro demonstra preocupação historiográfica e certa consciência da individualidade histórica da província, declara Fontes.

A segunda parte segue a produção do último quartel do final do século XIX e o primeiro do século XX. O autor batiza essa fase como “verdadeiro surto historiográfico”. Fazem parte dessa fase os sergipanos estudantes universitários de Recife, Salvador e Rio de Janeiro. São jovens republicanos destacando Felisbello Freire com a História de Sergipe e História Territorial do Brasil. Cita também Laudelino Freire e Silva Lisboa com as Coreografias de Sergipe; Baltazar Góes, Manuel Curvelo e Nobre de Lacerda que relatam o movimento republicano e a implantação da República, no Estado; Prado Sampaio e Baltazar Góes, com o interesse pela história literária e artística; Ivo do Prado com a capitania de Sergipe e suas Ouvidorias; Lima Júnior e Manuel dos Passos de Oliveira Telles, destacando-se nas questões de limites entre Sergipe e a Bahia. Nessa mesma fase Fontes inclui o IHGSE, fundado em 1912, “que publicara durante vários anos revista com valiosa contribuição aos estudos históricos locais”.

A terceira parte encerra esse ciclo que ele denominou de “surto historiográfico”. Cita os trabalhos de Armindo Guaraná, Liberato Bittencourt e Antônio Carmelo que exaltam os sergipanos ilustres.

Na quarta parte ele começa afirmando “daí por diante, o interesse pelo passado local decaí”. Mas alguns são citados como “mantendo a chamada”: Sebrão Sobrinho, Epifânio Dória, Pe. Philadelpho Oliveira Dantas, Martins dos Reis, Felte Bezerra e José Calasans Brandão da Silva. Sobre José Calasans ele destaca: “Este último, grande conhecedor das fontes históricas de Sergipe, ainda não produziu a obra de síntese que se espera dele”. Encerrando essa quarta fase escreve que há os que se voltam para análise de arquivos e de fatos isolados.

Na quinta parte considera que a criação histórica arrefece mais ainda. Porém há estudos esparsos de Bonifácio Fortes e Silvério Leite Fontes. Sobre essa fase faz a seguinte declaração: “Há profunda descrença em Sergipe e em suas possibilidades criadoras. Para os seus filhos aparece, sobretudo como uma terra de emigrantes e frustrados”.

Na sexta parte Fontes destaca a lenta retomada da fase do interesse pelo passado histórico local que ele data a partir de 1960. Cita obras gerais como as de Acrísio Torres e Pires Whyne. A crítica ao abandono do passado também está presente no seguinte comentário: “O estudo da História, na escola secundária e superior, andava divorciado da perspectiva local. Era desenraizado, puramente livresco e sem oportunidades de incentivo à pesquisa, devido à pobreza bibliográfica Pública, e à falta de utilização do acervo do Instituto Histórico e Geográfico”.

Destaca a criação da cadeira de Introdução aos Estudos Históricos, na Faculdade Católica de Filosofia como o marco importante da reabertura do interesse pela pesquisa, no meio escolar, e pela problemática geral. Esse destaque se encontra na sétima parte desse seu painel sobre Historiografia Sergipana. Ainda sobre essa nova fase, escreve:

“Mas a transformação foi lenta. O próprio corpo docente, inclusive o próprio professor de Introdução, estavam deslocados da afeição e do conhecimento quanto à história do Estado. A recuperação recebeu incentivo com a criação da Universidade Federal de Sergipe, que permitiu aos professores dedicarem mais tempo ao estudo e ao ensino. A organização departamental estabeleceu maior contato e cooperação entre eles. Além disso, à margem do processo didático universitário, começa a aparecer espíritos da nova geração com outro modo de visualizar a História. É o caso de Jackson da Silva Lima, que iniciou a publicação da Literatura sergipana”. (FONTES, 2004, p. 83)

Na oitava parte faz uma homenagem a todos os “homens de estudos” que ele assinalou nesse trabalho de Historiografia Sergipana. Silvério Fontes declara que em todos eles tem um traço em comum: “atuaram quase sempre individualmente com imenso esforço para coletar dados, arrumá-los e utilizá-los. Cada um teve de preparar o terreno, limpá-lo, semear e só depois colher os frutos desejados”.

Por fim, na parte que ele destacou como “nona”, enfatiza que foi no próprio Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe que se “começou a sentir a necessidade de trabalho de base. O desinteresse pelos documentos históricos, generalizado e reinante nas duas últimas décadas, representou uma espécie de choque-estímulo”. (FONTES, 2004, p.84)

Observemos com acuidade todas essas nove partes do texto Historiografia Sergipana de Fontes. Atentemos pela forma como ele aponta a existência somente de três tempos diferentes da Historiografia Sergipana: o primeiro é vinculado ao que chamou de “verdadeiro surto historiográfico” que corresponde ao ciclo de produção que se estende do último quartel do século XIX e o primeiro do século XX, fase onde muito se pesquisou e cuidou de documentos. Corresponde aos trabalhos dos sergipanos estudantes das universidades em Recife, Salvador e Rio de Janeiro até as produções sobre ilustres sergipanos como a obra de Armindo Guaraná. O segundo tempo é marcado pelo desinteresse pelo passado sergipano, apesar da existência de uma ou outra publicação. O terceiro é marcado pela lenta retomada do interesse pela História local.

Entendamos o que seria essa terceira fase que Fontes chama de retomada da produção sobre o passado de Sergipe. Notemos que ele assinala que essa fase é marcada por um sentimento coletivo de ensino e pesquisa sobre o passado local e pelo processo de institucionalização

do curso de História via a criação da Universidade Federal de Sergipe. As razões desse processo tem haver com a consciência do estado de abandono dos arquivos e da falta de uma bibliografia especializada em determinados termos do passado sergipano. Também tem haver com a criação da cadeira de Introdução aos Estudos Históricos do curso de História e Geografia pertencente a Faculdade Católica de Filosofia. Cadeira onde Silvério tonou-se professor por longo tempo. Notemos que ele destaca o Departamento de Filosofia e História com a criação da Universidade Federal de Sergipe como uma instituição que começa a aparecer uma preocupação mais coletiva com a pesquisa da História. Diz ele que a instalação da UFS permitiu aos professores dedicarem mais tempo ao estudo e ao ensino. Destaca que começou aparecer “espíritos” da nova geração com outro modo de conceber a História.

HISTÓRIA COMO CIÊNCIA SEGUNDO FONTES

Em trabalho apresentado em 1981 no XI Simpósio da ANPUH, denominado “A História como Ciência”, Fontes indagou: Será a História uma ciência? Diz esse autor que o conceito de ciência não é o mesmo, em diferentes épocas. Ele nasceu da tradição cultural helênica e vem sofrendo modificações. (FONTES, s/d, p.8). A ciência físico-química moderna, depois a biologia e finalmente a ciência social, continua Fontes, preservaram a tradição helênica, promoveram mudanças.

Ele concebe que as ciências sociais, onde a história está incluída, não podem organizar-se do mesmo modo que as ciências físicas e biológicas, embora, sobretudo, algumas delas podem ser tratadas pelo método hipotético-dedutivo e os raciocínios desenvolvidos em Linguagem matemática. Mas não o caso da História. Ela se filia a natureza do objeto formal das Ciências sociais que percebe a ação humana enquanto humana. “Quem pesquisa é um ser humano e social, que atua sobre condições genericamente idênticas às de seu objeto de estudo”, enfatiza Fontes. Dialogando com Dilthey escreve que a ciência social tem dois problemas a se resolver para justificar com ciência: 1) a introdução de um princípio explicativo, não observável diretamente, e somente analisável mediante a analogia em sua experiência íntima e por meio da intuição intelectual da natureza dessa experiência; b) e da distância axiológica entre o estudioso e o seu tema. Completa esta explicação dialogando com Weber. Afirma que este dá formulação mais vigorosa a tais reflexões. Inclui os conceitos de significativas, orientadas por valores e demonstraria que, “no estudo da atividade social humana, a compreensão não pode ser separada da explicação e vice-versa”. Ainda, valendo-se de Weber, acrescenta: “a procura dos valores de verdade é tarefa do cientista, seja qual for sua especificação, naturalista ou estudioso das situações humanas”. (FONTES, s/d. p.6, 7 e 8)

A história viu-se agora sob o impacto das ciências sociais que possui o mesmo objeto material seu, o homem em sociedade. Chega a este comentário dialogando com Paul Veyne. Mas a História também se diferencia das ciências sociais, prossegue o autor. Muitos limites formais da tradição dizem que as ciências sociais seguem não encontram sintonia a especificidade da História. Afirmando isto, o autor declara que a História se preocupa com o concreto, em sua configuração de existência singular. A História não prioriza fazer abstrações de aspectos do objeto concreto, pois ela não o opera diretamente com os universais. Está amarrada no mundo dos acontecimentos. Todavia, prossegue o autor, a História pretende descrever-lhes as relações e assinalar como foram produzidos. (FONTES, p.9)

Nessa sua discussão sobre o conceito de História com ciência ele inclui observações sobre objetividade. A História, como as demais Ciências sociais, escolhe subjetivamente variados princípios explicativos como valores, tomados em si, objetivos. Não há como fazer experimentação e, assim, a comprovação torna-se limitada. A História apela, com seus instrumentos próprios, para a documentação, metodologicamente analisada, de cada situação concreta. (p.10)

Ainda seguindo essa mesma discussão, propõe examinar se a História possui princípios próprios e se suas conclusões, de alguma maneira tem valor universal.

Fontes apresenta mais discussões para o esclarecimento do caráter científico da História nesse texto que apreciamos acima. Mas conclui que a História é ciência de modo análogo as das anteriores conceituações de ciências. Ela não é material de outras ciências. É um saber autônomo, “o complemento necessário da grande aventura humana”.

Outros textos de Fontes referem-se em aspectos dessa discussão da História como ciência. Todos eles corroboram para pensar o passado de forma mais profissional. Entre esses textos estão: “Para uma Filosofia da História”, publicado em 1967; “O tempo e a História: problemas de periodização” de 1979, entre outros.

Como vimos acima, o conceito de História como ciência, desenhado por José Silvério Fontes, diferencia-se do conceito de História referenciado por José Calasans Brandão da Silva. Em nenhum momento do texto acima Fontes se utiliza da “oração” de Silvio Romero como baliza importante na fomentação dos debates em torno da institucionalização da História no final dos anos de 1960 a 1980, inicialmente na Faculdade Católica de Filosofia, depois no departamento de Filosofia e História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e, por fim, no Centro de Educação e Ciências Humanas com a instalação da Universidade Federal de Sergipe.

Silva e Fontes se distanciam em partes. Como vimos em capítulos anteriores, o primeiro parece trilhar nos caminhos da valorização da história regional tomando como aporte certas formas de conceber a História via o positivismo, que alguns historiadores preferem denominar de “escola

metódica”. Também valoriza a História a partir de sua influência com as ideias integralistas herdadas das décadas de 1930 a 1940 e que se estendem ao regime militar via a valorização do nacionalismo. A faculdade de Direito da Bahia, onde Silva estudou, foi contaminada com as ideias integralistas e ele conviveu e aderiu às mesmas.

O integralismo chegou quase em toda faculdades do país. Em muitas cidades, principalmente nas capitais brasileiras, foram criados núcleos regionais, como foi o caso de Salvador. O seu discurso foi aceito por parte de muitos intelectuais e de membros da Igreja Católica em um momento em que havia o avanço das ideias comunistas e ateias nas novas gerações e se fortaleciam em muitos intelectuais. Muita daquelas ideias do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX sobre a difusão da civilização dos trópicos conforme modelos europeus passaram a ser revistas. É o Brasil com sua singularidade na totalidade do mundo que interessava uma juventude de intelectuais integralistas. Segundo Nascimento foi nesse contexto que José Calasans vivenciou ao chegar a Salvador para estudar o curso de Direito da Bahia, em 1933. (NASCIMENTO, 2008, p. 56)

Durante os anos de 1970 o integralismo se repaginava via a defesa dos valores nacionalistas. Promoviam-se eventos, cursos e seminários para estudar os problemas sociais brasileiros. (NASCIMENTO, 2008, p. 65). Oliveira Viana e Alberto Torres constituíam-se, naquele momento, declara Nascimento, “suas leituras fundamentais. Esses autores, ideólogos do discurso nacionalista, influenciaram enormemente o pensamento de Calasans” (p. 65).

Estudando sua terra, Sergipe, ou se dedicando a temática de Canudos, estaria JCBS corroborando na construção da nacionalidade brasileira. E isto começaria a fazer parte do seu fazer-se cultural principalmente a partir de 1937, depois de formado em Direito. Citamos vários trabalhos desse autor no capítulo anterior. Desses trabalhos um merece que façamos menção nesta última lição. Num pequeno artigo escrito na seção “Temas de ontem e hoje”, de 29 de janeiro de 1942, do Jornal “Correio de Aracaju”, ele “enaltece as raízes culturais de Sergipe e a memória de três figuras históricas, um culto ao heroísmo de Camerino, Fausto Cardoso e Salomão da Rocha” (NASCIMENTO, 2008, p. 76)

Quatro anos depois da formatura de Silva, Fontes passou a estudar na mesma Faculdade de Direito em Salvador. As ideias integralistas estavam bem presentes, bem como as ideias anticomunistas, antiliberais e contra o ateísmo de um grupo de intelectuais de militância da Ação Católica. Havia, sobretudo, um pânico sobre o comunismo que iria destruir valores morais da civilização moral cristã. Alardeava-se que o Brasil estava às portas de cair na desordem social e do ateísmo, cujo principal foco de promoção era a Rússia. Plínio Salgado tornou-se uma figura muito prestigiada em várias instituições da Igreja Católica em Salvador.

Fontes se filia ao pensamento de intelectuais da Igreja Católica que militava na concepção de que deve haver uma relação próxima entre ciência e fé ou seja, entre intelectualidade e fé. Percebia sintonia com alguns dos intelectuais cristãos como Jacson de Figueiredo. Este intelectual sergipano atuou firmemente a favor da Igreja Católica no primeiro quartel do século XX. Ingressou no curso de Direito em 1909 e concluiu em 1913. Segundo o próprio Fontes, “converter os intelectuais do seu tempo, reunir as almas de escol sob o signo de Cristo, eis o grande anelo de Jackson”. (FONTES, 1998, p. 56 e 57). Intelectualidade e fé estavam dissociadas no tempo de Jackson, prossegue Fontes. Referindo-se a esse tempo escreveu: “Os escritores, quando não combatiam a Igreja, ou silenciavam a seu respeito, sabiam ‘rendilhar encantadoras páginas sobre dos mistérios’ da crença, mas caíam em erros triviais”. Prosseguindo ainda escreveu: “Ignorância crassa era o denominador comum da maioria.” Faltava alguém de um impulso dinâmico, argumenta o autor, que “sacudisse os corações, consubstanciando, na entidade viva, as normas abstratas, encarnando sedutoramente a religião...”. Diz ele que Jackson preencheu essa lacuna. Ele seduzia os céticos, os indiferentes. (FONTES, 1998, p. 61)

Em 1952 para concorrer a cadeira de História do Brasil no Instituto de Educação Ruy Barbosa, cadeira esta ocupada anteriormente por Jose Calasans, Silvério Fontes escreve “Jacson de Figueiredo – sentido de sua obra”. Em 1978, em comemoração ao cinquentenário da morte de Figueiredo, publicou “O Pensamento Filosófico de Jackson de Figueiredo”. Nos cem anos da morte do mesmo também publicou “Razão e Fé em Jacson de Figueiredo”.

Fontes queria conhecer a influência do marxismo na obra de muitos textos de História do Brasil e, segundo palavras do próprio autor “tinha medo de que as ideias marxistas se afirmassem no seio da juventude brasileira, algo que estava se evidenciando nos anos 70”. (FONTES (entrevista), apud MENEZES, 1998, p. 13). Para ele, conforme entrevista realizada por Menezes, “o tomismo não é uma doutrina estagnada em seus aspectos permanentes”. A verdade para ele argumenta Menezes, não está nem no marxismo nem no capitalismo. Em 1976, examinando os fundamentos da análise materialista da produção Historiográfica de Caio Prado Junior, Nelson Werneck Sodré, Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes, escreveu: “Quatro diretrizes da Historiografia Brasileira”. Este seu texto é a sua tese de livre docência à disciplina Introdução aos Estudos Históricos apresentado ao departamento de Filosofia e História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFS. Fontes deixa claro nesse seu texto que os modelos explicativos dos marxistas brasileiros não servem para a nossa realidade (MENEZES, 1998, p. 14)

Ele elaborou críticas severas ao marxismo e outras tendências em voga como o positivismo e se distanciou da nova história cultural, conforme as críticas elaboradas em diversos textos. Divergiu da História cultural na

medida em que apontou críticas a Paul Veyneno texto “A História como Ciência”.

Olha a História de forma a defender um conhecimento autônomo e importante. Conhece e cita em seus textos muitos historiadores. Entretanto, enxerga o território de Clio de forma alhures, a partir das lentes de textos de autores ligados a filosofia, principalmente estudiosos tomistas. Ele cita, por exemplo, textos de Jacques Maritain, um filósofo francês de orientação católica, que se enveredou na perspectiva tomista. Referiu-se a esse autor no texto “Principais correntes da Filosofia contemporânea”, em 1958, escrito para uma conferência na sessão inaugural da Seção de Sergipe do Instituto Brasileiro de Filosofia. (FONTES, 1956).

Maritain escreveu obras que influenciaram a ideologia da Democracia cristã. Este pensador católico também irá influenciar Fontes em muitos dos seus trabalhos, inclusive nas críticas ao positivismo e ao marxismo. É evidente que há outros autores cristãos que irão influenciar sua maneira de ver a História. Tomás Aquino e Augustinho são influências constantes em seus trabalhos. Mas também existe o diálogo com Dom Helder e Léon Bloy. Este último ele também escreve em 1958 no mesmo texto denominado “Principais correntes da Filosofia contemporânea”, onde faz referências a Jacques Maritain.

“Coluna de Jornal”, publicado em 1985, é outro livro importante para compreender outros aspectos das influências religiosas na trajetória intelectual dele. Ele discute alguns problemas relacionados à doutrina católica cristã e a relação desta com a sociedade.

Silva e Fontes tem em comum a preocupação com o passado sergipano. Em pensar na possibilidade de um diagnóstico do que já foi produzido na História de Sergipe para fomentar novas pesquisas de temas ainda não estudados. José Calasans é considerado um conhecedor da História de Sergipe. Ele era bem vindo como colaborador.

Silvério Fontes, todavia, se tornou certa âncora no fazer-se dessa História que se pretendia científica como acima nos referimos. Ele irá contribuir sensivelmente na maneira de se fazer história a partir da pesquisa em um “laboratório” onde os historiadores mestres e aprendizes devam experimentar novas fontes e novos temas ainda não perscrutados. Certamente ele irá influenciar professores e alunos nesse intuito de profissionalizar a História. Os professores Maria da Glória Santana de Almeida, Terezinha Oliva, Lenalda Andrade Santos e Francisco Santos, são exemplos dessa influência. Como também haverá divergências pautadas em outras individualidades dos contatos dos sujeitos com outras instituições.

Em 1970 ele coordena o “Projeto de Levantamento das Fontes Primárias da História de Sergipe”. Esse projeto deveria salvaguardar e divulgar fontes primárias com objetivo de desenvolver a consciência histórica regional, bem como familiarizar os estudantes com o arquivo e a pesquisa histórica (FONTES, 2004). Segundo Terezinha Oliva, ele coordenando esse Projeto

conseguiu “integrar todos os professores e alunos do Curso nas tarefas do levantamento, cujas atividades foram transformadas em disciplinas obrigatórias, com a denominação de ‘Estágio’”. OLIVA, (entrevista) apud. (MENEZES, 1998, p. 24 e 25). O projeto levaria uma equipe de mestres e discentes aos arquivos públicos e cartoriais de Sergipe. Ele é criado por inspiração de outro projeto existente em São Paulo. (MENEZES, 1998, p 250)

Com esse projeto, Fontes definia o modelo intelectual para o departamento de História ao longo dos anos de 1970 e 1980. (SÁ, 2011, p.345-346) O Conselho de Ensino e Pesquisa aprovou através da Resolução no. 10/72, de 18 de fevereiro de 1972, promulgada pelo Reitor João Cardoso do Nascimento Júnior. (FONTES, 2004, p.86). Dessa maneira, respaldado pelos órgãos superiores da UFS, o novo modelo de fazer história mais ainda se instituiu.

Preocupado com a inexistência de fontes do período colonial em Sergipe, havia a necessidade de se buscar fora de Sergipe, no Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional, cópias (xerox e microfimes). Esse acervo passou a fazer parte do Programa de Documentação e Pesquisa Histórica, fundado pela nova geração de Historiadores. Nesse período, também se integrando ao projeto de levantamento de dados fora de Sergipe, Maria Thétis Nunes buscou documentos em Lisboa referentes ao passado colonial e do império sergipano.

Além dessa preocupação com a heurística histórica, paulatinamente, nos anos de 1970 a 1980, se começou a fomentar uma nova cultura de pesquisa histórica, produzindo novos textos sobre a História Sergipana.

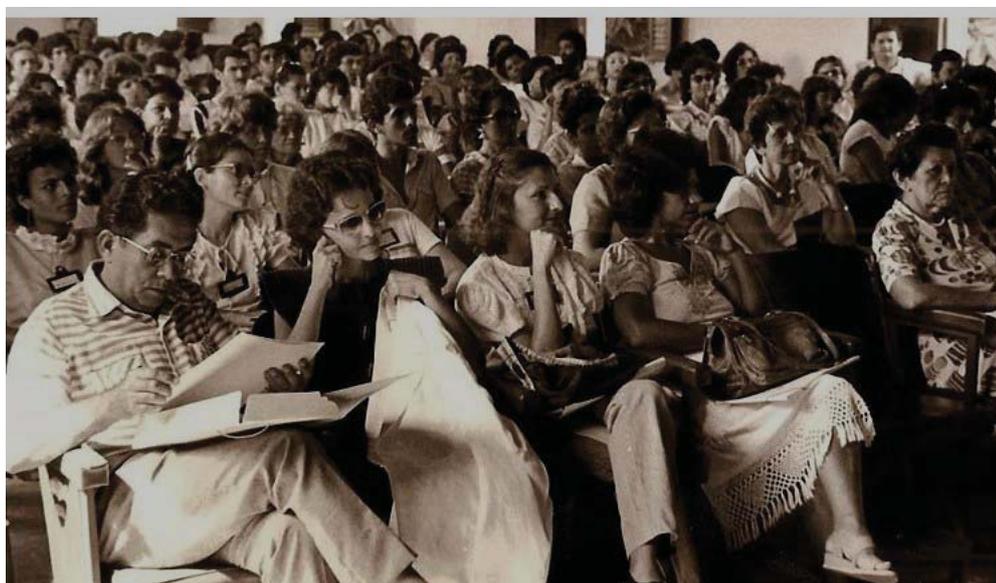
UMA AMOSTRA DA NOVA PRODUÇÃO DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Duas produções sobre o passado sergipano foram publicadas não fazendo parte do rol dos estudos vinculados ao locus institucional departamento de História da UFS: “Pequena História de Sergipe”, de Acrísio Torres, de 1966 e “História de Sergipe”, de Pires Whyne, de 1970. Ambos receberam críticas de vários historiadores.

As críticas dirigidas a Whyne afirmavam que os autores valeram-se de uma narrativa linear e evolutiva de fatos políticos, administrativos e sociais de Sergipe, na mesma abordagem tradicional herdeira da historiografia do século XIX. Fontes, por exemplo, segundo Sá, afirmou que o trabalho de História de Sergipe de Whyne “significa um grande retrocesso em relação à obra de Felisbelo Freire”, apesar da contribuição à retomada da discussão do passado sergipano um pouco adormecido nos anos de 1960 com a ausência de José Calasans e Felte Bezerra, que não mais residiam em Aracaju. (FONTES, 2004, p.66-67)

Thétis Nunes fez crítica contundente a obra História de Sergipe de Whyne, considerando-as românticas e que as mesmas entravam em choque a orientação intelectual do Departamento de História. Para ela a História defendida na UFS enxerga o passado sergipano como ciência social e que o ofício do historiador difere do romancista. (CELESTINO, 2007; SÁ, 2011, p. 345)

Esses historiadores representados por Fontes e Nunes, como citamos acima, enveredaram por uma História nas trilhas da ciência, buscando estudar temas mais ligados a História social, História política e História econômica. Paulatinamente passaram a ocupar os jornais sergipanos e a promover eventos científicos alicerçados, cada vez mais, nessa ideia de História como ciência e de que a pesquisa histórica é fundamental para o historiador.



Fotos dos professores do departamento de História em evento. Fonte: <http://antoniolindvaldosousa.blogspot.com.br/>

Identificaremos essa foto no nosso blog <http://antoniolindvaldosousa.blogspot.com.br/>. Favor visita-lo. Também poderemos publicar outras fotos e links (contendo textos) representativas dessa fase da historiografia sergipana em outros suportes de comunicação. Atentem para o plano de curso do professor no seu semestre de estudo.

Somam-se ao projeto de JSF outros professores do DHI (DFH) como Maria Thétis Nunes, Maria da Glória Santana de Almeida, Diana Maria do Faro Diniz, Maria das Graças Menezes, Moura, Maria de Andrade Gonçalves, entre outros.



Foto de Thétis Nunes

Maria Thétis Nunes (MTN), de acordo com Sá, é exemplar no sentido da “passagem do autodidatismo historiográfico para o amadurecimento da reflexão teórico metodológico do historiador” (SÁ, 2011, p. 346). A formação dela vai ser diferente de Fontes. Num estudo pioneiro da trajetória de vida dessa historiadora, Maria Nele Santos, em “Professora Thétis: Uma Vida”, publicado em 1999, declara:

“Desde os tempos do Colégio Atheneu e da Faculdade, graças a seus flertes com as ideias de cunho socialista, tornara-se adepta do marxismo, do materialismo histórico, enquanto teoria de emancipação social. No ISEB, a convivência com alguns professores – nomeadamente Nelson Werneck Sodré – contribuiu para definir e consolidar sua tendência marxista”. (SANTOS, 1999, p.52)

O ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) foi um órgão criado em 1955, vinculado ao Ministério de Educação e Cultura, como núcleo irradiador de ideias e tinha como objetivo principal a discussão em torno do desenvolvimentismo e do nacionalismo e se alinhava ao Estadobrasileiro. (SOUZA, 2009). Um dos intelectuais dessa instituição foi Nelson Werneck Sodré. Seguindo essa orientação como aluna dessa instituição, orientada por Sodré, Nunes vai escrever sua dissertação denominada “Sívio Romero e Manuel Bonfim: pioneiros de uma ideologia nacional”. 20 anos depois, em 1976, irá publicar esse trabalho no Caderno UFS. (SANTOS, 1999, p.53)

Sodré irá influenciar MTN na produção do livro “Sergipe Colonial II”, segundo Sá. A influência será a partir da obra: “Formação Histórica do Brasil”. (SÁ, 2011, p. 346)

Outras influências estão presentes nos textos de Thétis Nunes. Nos nossos textos de Temas de História de Sergipe I e II fizemos referências aos textos dessa autora, principalmente “Sergipe Colonial I” e “Sergipe Colonial II” quando nos referimos, por exemplo, a sociedade do couro, os núcleos de povoamento (especialmente S. Cristóvão) nos séculos XVII ao XVIII e a independência de Sergipe. Um aspecto que destacamos foi em torno de como essa autora se posicionou de forma distinta da historiografia baiana sobre o mito do bandeirantismo baiano conquistador do sertão brasileiro onde estava incluso o domínio das terras sergipanas. Também apontamos a sua filiação a historiografia clássica quando estuda os núcleos de povoamento no Brasil minimizando o papel dos núcleos de povoamento no Brasil Colonial. Nunes percebe S. Cristóvão, via o viés econômico, que transforma essa localidade (sede da capitania de Sergipe) como pouco habitada, moradia de burocratas, padres. Esse núcleo de povoamento é visto, por fim, como meio caminho entre o campo produtivo e o mercado consumidor.

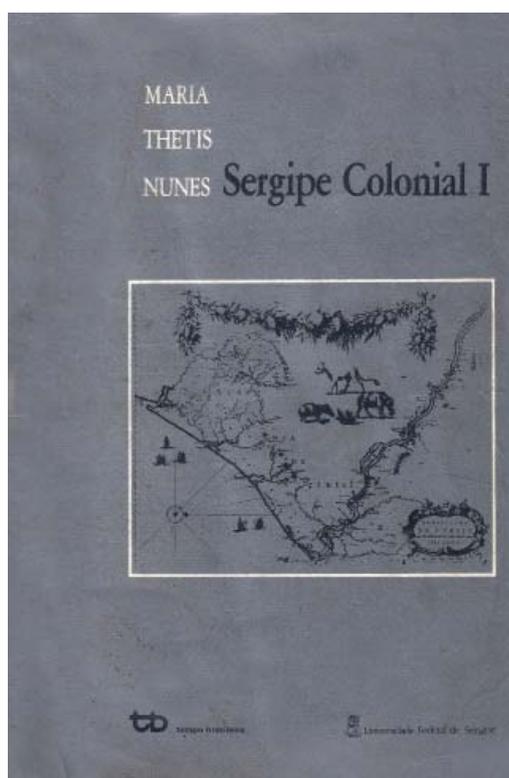


Foto da capa do livro Sergipe Colonial I de Thétis Nunes

MTN também se apropria do positivismo (escola metódica) para produção dos seus textos. Ela procura se cercar sempre de muitos documentos para legitimar suas narrativas e análises. Nos seus livros aborda o passado sergipano desde os tempos coloniais até o século XIX. Segundo Sá, a mesma pauta-se na visão histórica da totalidade, tal como proposta de Georg Lukacs. (SÁ, p. 346; REIS, 1995)

É significativa a produção de Nunes sobre a História de Sergipe. Os livros e textos escritos por essa historiadora merecem ser apreciados com marcos importantes dessa fase da Historiografia Sergipana onde o departamento de História da UFS passou a ser o principal lugar de produção do passado sergipano. Em 1975 o seu projeto “Sergipe: 1820/1831” foi aprovado pelo Conselho Superior de Pesquisa e em 1978 outro também foi aprovado “Levantamento das Fontes da História de Sergipe nos Arquivos de Portugal”. (SANTOS, 1999, p.164)

Como vimos no nosso quarto capítulo, MTN também se destacou como membro do corpo docente do Departamento de História que participou da criação da Faculdade de Filosofia. De igual forma, podemos também incluí-la como colaboradora do processo de espreitar a História de Sergipe nos trilhos dessa cientificidade que foi se definindo no final dos anos de 1960 e 1970, como apontamos nesta lição.

Infelizmente não poderemos promover uma maior discussão sobre sua produção historiográfica neste último capítulo deste nosso livro de “História e Historiografia Sergipana: notas pra reflexão”, mediante nossos limites na quantidade de páginas e de capítulos que devemos nos seguir. Todavia, é necessário que façamos outros textos que complementem sobre esta fase da Historiografia Sergipana. Em atividades didáticas práticas com alunos, nos eventos que iremos promover sobre a historiografia sergipana, igualmente poderemos melhor adentrar sobre os estudos de Thétis Nunes e de outros historiadores que não poderemos apreciar seus textos com mais intensidade.

Luiz Rabelo Leite, Ruan José Rivas Pásqua também corroboraram com esse processo de profissionalização da História no Departamento de História da UFS, desde os tempos iniciais como colegas de Fontes e Nunes.

Muitos alunos oriundos do curso de História da UFS das décadas de 1960 e de 1970 seguiram carreira no magistério do ensino superior. Maria de Lourdes Amaral Maciel, Maria de Andrade Gonçalves e Maria da Glória Santana de Almeida. Todas elas participaram do projeto de Pesquisa de Silvério Fontes “Levantamento das Fontes da História de Sergipe”, onde se fomentava a pesquisa histórica, como citamos anteriormente.

É, sobretudo, nos anos de 1970 que essa nova geração de historiadores irá atuar em diversos eventos regionais e nacionais e produzirão textos e elaborarão projetos de pesquisas. Nessa fase os estudos dos professores do Departamento de História foram direcionados para os aspectos da vida política, social e econômica de Sergipe, notadamente com referência ao século XIX. Havia muitas lacunas na historiografia sergipana e precisava que fossem preenchidas. É com esse incentivo que as pesquisas começaram a ser apontadas. (ALMEIDA, 1984, p. 14)

Maria da Glória Santa de Almeida, por exemplo, escreveu “A Barra da Cotinguiba e o Açúcar; 1840/1850” e o apresentou no V Simpósio de História do Nordeste, que ocorreu em Aracaju em 1973, onde na mesma ocasião José Calasans proferiu a conferência sobre Historiografia

Sergipana que resultou no texto que apreciamos ao longo de todos os capítulos deste livro. Dois anos depois, apresentou duas comunicações: “Uma Unidade Açucareira em Sergipe – o engenho Pedras” e “Nota prévia sobre a propriedade canaveira em Sergipe (séc. XIX)”, no VIII Simpósio Nacional da ANPUH, em 1975, também realizado em Aracaju. Ambas as apresentações foram publicadas em anais dos respectivos eventos e em revistas do IHGSE.



Foto da capa do texto Engenho Pedras de Maria da Glória

Em 1976 o Conselho de Ensino e Pesquisa (CEP) da UFS, aprovou seu projeto de pesquisa “Cultura Canaveira em Sergipe” que resultou em vários textos e a publicação do livro “Sergipe: fundamentos de uma economia dependente”, em 1984. “A Historiografia Sergipana ainda não se voltou especificamente para o tratamento dos temas econômicos”, referiu-se Almeida na introdução desse seu livro. A autora demonstrou conhecimento sobre a produção historiográfica do tema que se debruça no mesmo. Diz ela que a História do comércio marítimo do Brasil ainda está por escrever. Depois desta frase, cita vários historiadores franceses ligados a Revista dos Annales, como Braudel. Também cita brasileiros não só ligados ao eixo Rio/São Paulo, mas também, de Salvador e de Recife. O tema que ela enfoca implica a abordagem do volume do Comércio inter-regional com nações estrangeiras. A sua hipótese principal diz “respeito da dependência de Sergipe à Bahia, apesar dos esforços dos sergipanos para se integrar a

outros núcleos mais distantes nacionais ou menos estrangeiros, supostamente menos explorado”, declara Almeida.

Diana do Faro Diniz, em 1975, apresentou a comunicação “A evolução da distribuição da terra em Sergipe (1920-1960)” no VII Simpósio da ANPUH ocorrido em Aracaju. Ele apresentou esse trabalho em parceria com seu esposo Alexandre Diniz, um estudioso da geografia em Sergipe, destacando-se também sobre a história da capital sergipana. Três anos depois, ela publicou o artigo “Nota sobre a História do Algodão em Sergipe” para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Em 1979 seu projeto “A Lavoura canaveira em Sergipe” foi aprovado no CEP da UFS.



Foto da professora Beatriz G. Dantas

Beatriz Góes Dantas, formada também em História (o curso antes era História e Geografia) pela Faculdade Católica de Filosofia, professora do Departamento de Ciências Sociais, colaborou com o passado sergipano reativando o Arquivo Público nos anos de 1970, higienizando e classificando vários documentos que possibilitaram as novas pesquisas dos anos de 1970 em diante. Nessa mesma década ela perscrutou nesse mesmo arquivo documentos importantes que fundamentavam os direitos históricos dos Xocó(s) sobre a Caiçara (Ilha de São Pedro). Ainda nessa mesma década e nas posteriores, década de 1980 e 1990, a mesma irá publicar artigos e livros sobre a História indígena de Sergipe. Em 1975, por exemplo, apresentou a comunicação no encontro Nacional da ANPUH “Índios e ‘brancos’ em conflito pela posse da terra: aldeia de Água Azeda — século XIX”. No ano de 1980, em parceria com o advogado Dalmo de Abreu Dallari, lança “Terras dos Índios Xocó: estudos e documentos”, pela comissão Pró-Índio de São Paulo. Em 1983 escreve “Missão Indígena do Geru”, na Revista do IHGSE. Dois anos depois publica, nesta mesma revista, o texto “História de grupos indígenas e fontes

escritas: o caso de Sergipe”. Em 1986, apresentou o trabalho “Do Frade ao Fazendeiro: estudo de caso sobre a missão de Pacatuba (Se), no século XIX na 15ª Reunião Brasileira de Antropologia”. Em 1991, em livro organizado pelo Departamento de História, Dantas escreveu o texto “Os Índios em Sergipe”, buscando mostrar a diversidade dos povos indígenas em Sergipe antes da chegada do colonizador e a situação dos mesmos como o processo de conquista e colonização de Sergipe, incluindo um espaço importante sobre a situação dos povos Xocó(s). Outros textos contendo guias de fontes foram publicados, como “Repertório de documentos para a História Indígena”. Arquivo Público do Estado de Sergipe. “Coleções Clero e Câmaras Municipais”, publicado em 1993 pelo NHII – Núcleo de História Indígena e do Indigeníssimo da USP.

Os estudos sobre a temática da cultura popular (muito conhecido como folclore) e a do negro foram outras contribuições importantes no diálogo entre a antropologia e a História da pesquisadora Beatriz Dantas. Em 1972 publicou “A Taira de Sergipe”, uma cultura popular que mais se desenvolveu em Sergipe. A autora enfoca as Tairas de Bilina, que se apresentam na cidade de Laranjeiras. Calasans redigiu o prefácio desse livro e fez a seguinte observação sobre esse livro de Dantas: “primeiro livro especialmente escrito sobre a função popular das negras e mulatas de Laranjeiras, dirigidas, há muitos anos, pela mais famosa mãe de santo de Sergipe, a velha Bilina”. Diz esse autor que o trabalho dessa autora é original e sério “uma das melhores contribuições do folclorismo sergipano nos últimos tempos”. (SILVA, 1971, p. 9). Em 1976, publicou “Dança de São Gonçalo” e “Chegança”, nos cadernos de Folclore 9 e 14 respectivamente. Uma publicação de parceria entre a UFS, a Secretaria de Educação e Cultura de Sergipe e a Comissão sergipana de Folclore.

Sobre o negro ela produziu sua dissertação de mestrado, defendida na Unicamp em 1982 e que foi publicada com o nome de “Vovó Nagô e Papai Branco: Usos e abusos da África no Brasil”, 1988. Seus questionamentos incidem sobre as chamadas religiões afro-brasileiras, particularmente o Candomblé. Para a autora muitos desses estudos buscam as origens, o africanismo e o puritanismo. Essa corrente de pesquisas foi iniciada com Nina Rodrigues no século XIX e no século XIX tem seus seguidores nos anos de 1930 quando a discussão sobre África se inicia na academia e na fase em que o negro é considerado cidadão. Góes diz que nessa busca da herança africana o “nagô mais puro” é exaltado como verdadeira religião e a outra identificada como feitiçaria foram Umbanda, que também vai ser relegada a Quibanda. A autora consultou muitos pais, mães e filhos de santos de Laranjeiras, em particular os membros do Terreiro de Bilina, em Laranjeiras, Sergipe. (DANTAS, 1988) Em 1988 apresenta no I Seminário de Pesquisa na UFS o texto “O Negro e a Cultura em Sergipe”. Outros trabalhos foram apresentados em eventos diversos que envolveram a UFS e a sociedade sergipana em outras comunidades brasileiras.

Segundo Ibarê Dantas, a UFS integrou-se no Programa Nacional de Incentivo à Capacitação Docente (PICD) em convênio com a CAPES. A partir dos anos setenta, acrescenta Dantas, “vários professores e alunos recém-

formados começaram a deslocar-se para os centros maiores a fim de cursarem mestrado e doutorado, gerando dissertações e teses nos vários campos de saber, ampliando o conhecimento teórico e empírico”. (DANTAS, 2004, p. 212) Esse incentivo de estudar fora foi uma cobrança da comunidade universitária em que o professor Calasans também apontou quando se comunicou aos historiadores do departamento de História nos textos apreciados nos capítulos deste livro. Indo para outros centros, ampliou-se a influência sobre a forma de pesquisar o passado sergipano e, sobretudo, o preenchimento de certas lacunas da Historiografia Sergipana. Buscou-se novas perspectivas teóricas, revisões da historiografia local e nacional e a coleta e análise de fontes dos arquivos estaduais e de outras localidades do Brasil e fora dele.

Maria da Glória de Santana de Almeida e Beatriz Góes Dantas fizeram parte dessa leva de professores que estudaram em outras universidades brasileiras e suas dissertações foram transformadas em livros. A primeira passou a trilha nas dimensões da História econômica e a segunda nas dimensões da cultura, inter cruzando a História com a antropologia, como nos referimos acima.

Terezinha Oliva também se insere nessa leva de sergipanos que foram fazer suas pós-graduações. Ela ingressou no curso de licenciatura em História na Universidade Federal de Sergipe no final no ano de 1968, sendo monitora do professor Silvério Fontes nas disciplinas Introdução aos estudos Históricos, História Moderna e Prática de Ensino de História. Pouco tempo depois de formada, ingressou via concurso público como professora no departamento de História em 1974, deixando o mesmo em 2009. Em 1980, com orientação do professor Armando Souto Maior, defendeu sua dissertação de mestrado em História na Universidade Federal de Pernambuco na temática da História Política sobre a Revolta de Fausto Cardoso. Entende essa revolta no contexto dos impasses do federalismo brasileiro. Em 1985, publica essa dissertação em livro “Impasses do Federalismo Brasileiro (Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso)”. Consta na apresentação desse livro que José Calasans prestou “valiosas informações e até enviando material”. Essa citação sobre esse autor são pistas importantes para entendermos o quanto o mesmo tinha uma relação bastante próxima com essa comunidade de historiadores sergipanos.

Ainda no mestrado publica na Revista do curso de mestrado em História da UFPE o artigo “A ideia republicana nos editoriais de ‘O País’”. Em 1991, seis anos depois da publicação de sua dissertação de mestrado escreve “Estruturas de Poder” na coletânea “Textos para a História de Sergipe”, organizada pela professora Diana Maria do Faro Diniz. Segundo Oliva seu texto se articula com os outros textos que tratam da economia e da sociedade sergipana, mas especialmente os que tratam da terra e da cultura. Com este texto a autora procurou entender os longos séculos de história política em Sergipe estudando a fase da dominação da Bahia, a suplantação gradativa pela política central, a dominação de certas famílias e as formas de resistência. (OLIVA, 1991). Com esse e outros estudos, a autora trilhou na dimensão da História política, preenchendo lacunas deixadas pelos estudos de Felisbela Freire e outros autores.

Há uma série de trabalhos produzidos por outros pesquisadores não ligados diretamente ao departamento de História da UFS e que corroboraram com as dimensões da “História política” e “História social”. Ariosvaldo Figueiredo é um deles. O mesmo escreveu vários volumes de História Política de Sergipe dos primeiros anos da República aos dias atuais. Segundo Sá a obra de Figueiredo “revela-se uma compilação de documentos e artigos de jornais sem a devida interpretação histórica e historiográfica”. Todavia, em outros temas, ligados a dimensão do social, acrescenta Sá, esse autor faz boas contribuições como a História Social do negro e do massacre dos índios em Sergipe (SÁ,2011 p. 350). O livro “Enforcados” é sua maior contribuição ao tema, apesar de que há citações e análises não documentadas sobre os índios em Sergipe.

Outro pesquisador voltado ao passado sergipano é Luiz Mott, paulista radicado na Bahia, docente da UFBA. Uma das contribuições mais importante desse autor a Historiografia Sergipana foi publicado em 1896 com o nome “Sergipe Del Rey: população, economia e sociedade”. Ele revisa temas da história sergipana como a escravidão e se debruça na análise da História demográfica. Mas suas contribuições estão desde os debates nos eventos da ANPUH regional e nacional que aconteceram em Sergipe na década de 1970. Consta, por exemplo, suas interferências nos debates dos textos apresentados por Almeida sobre a propriedade canavieira em Sergipe até a publicação de artigos e livros sobre a sociedade sergipana desde os tempos colônias, como os estudos sobre inquisição até o último quartel do século XIX.

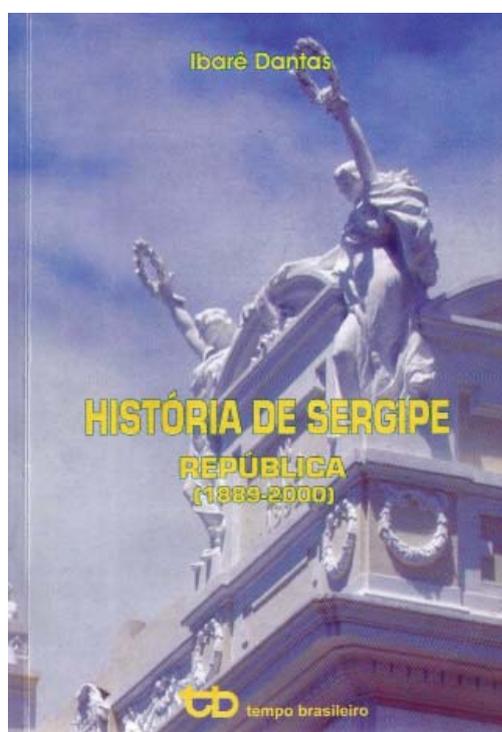


Foto do livro História de Sergipe de Ibarê Dantas

Ibarê Costa Dantas é outro pesquisador não lotado no departamento de história da IFS que tem contribuído desde a década de 1970 com muitos estudos sobre o passado sergipano. Ele se apropria de duas vertentes teóricas, gramsciana e weberiana, para compreender temas sobre o domínio da história política, como a Revolta de 1930, Os partidos políticos, o golpe de 1960, o populismo até os dias atuais. Seu primeiro livro “O Tenentismo em Sergipe” foi publicado em 1974, numa fase em que muitos historiadores brasileiros tratam desse tema em outras localidades da federação brasileira.

Maria Nele Santos, Sônia Maria Soares Batista, Maria das Graças Menezes Moura e Lenalda Santos Andrade também fizeram parte dessa geração e produziram textos do passado sergipano.



Foto da profa. Nely. (Fonte: <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=264172177030817&set=t.100000624745987&type=3&theater> cap em 18 de abril de 2013.)

Nele escreveu “A participação de Sergipe na II Grande Guerra”, publicado pelo Programa de Documentação e Pesquisa Histórica, em 1978. Em 1984 concluiu seu mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas com a dissertação “A Vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana”. A mesma ainda não foi transformada em livro. Outros textos foram publicados em revistas. A produção mais conhecida da autora são três livros: “A sociedade libertadora: ‘A Cabana de Pai Tomás’, Francisco José Alves, uma história de vida e outras histórias”, publicado em 1997. “Professora Thétis: uma vida”, publicado em 1999 e “Aracaju: um olhar sobre sua evolução”, de 2008. O primeiro livro é uma

contribuição a historiografia da escravidão. A autora se debruça sobre a biografia do principal líder abolicionista sergipano. O segundo é publicado nas comemorações dos quarenta anos da professora Thétis Nunes. A autora teve a proeza de escrever essa biografia quando ainda estava viva. Contou com depoimentos orais da mesma. Também com as interferências na forma da escrita pela própria biografada. Possuindo vinte textos e não contendo marco cronológico, o livro aponta momentos importantes da vida de Nunes, como a passagem em Buenos Aires, os momentos no conselho de cultura e os anos como professora universitária. O terceiro contém 80 páginas e é escrito no momento que a capital sergipana completava 153 anos de existência. Numa linguagem simples para atingir o leitor comum, não somente universitário, a autora narra Aracaju no século XIX quando a cidade ainda não tinha calçadas, saneamento, serviços de abastecimentos, distribuição de água potável iluminação eficiente. Estes três livros são importantes para a Historiografia Sergipana e todos eles são diferentes entre si, em termos de enfoque.

Em 1986, Sônia Maria Soares Batista, publicou o livro “Memória histórica da indústria sergipana”. Este livro fez parte do projeto com mesmo nome, contando com a participação dos professores Maria de Lourdes Amaral Maciel, Maria das graças Menezes Moura e Eduardo Ubirajara Rodrigues Batista. O projeto foi financiado pelo Instituto Euvaldo Lodi, do SENAI. Foi feito um levantamento de fontes primárias bibliográficas, subsidiado por uma coleta de dados obtidos diretamente nas diversas entrevistas do estado nos depoimentos de pessoas ligadas ao passado histórico da imprensa sergipana.

Maria das Graças Menezes Moura, em 1986, publica o guia “Levantamento da imprensa operária Estado de Sergipe”. Trata-se de um levantamento da imprensa operária sergipana, realizado como pesquisa auxiliar do projeto “História oral” do Programa de documentação pesquisa Histórica do Programa de Documentação e Pesquisa Histórica – PDPH -, do Departamento de história da UFS. Foram publicados vários guias de fontes dos arquivos de Sergipe, vinculado ao projeto criado pelo professor Silvério Fontes, como anteriormente mencionamos. Com esse guia a professora Moura queria o fornecimento de dados para entrevista com lideranças operárias que atuaram no estado. O mesmo apresenta as condições físicas, as características gerais das coleções, etc.

Lenalda Santos Andrade estudou mestrado em História na Universidade Federal Fluminense, defendendo sua dissertação em 1979 com o título: A oligarquia açucareira e a crise: Sergipe 1855-1890. Em 1991, escreveu o capítulo de livro “Organização do trabalho” como quinto capítulo do livro “Textos para história de Sergipe” organizado por Diana Maria de Faro leal Diniz. “O curso de história da UFS: resgate da memória histórica” é outro texto da autora, publicado no livro “UFS: História dos cursos de graduação”, em 1998. Nesse texto Lenalda aponta a trajetória do curso de História

desde o surgimento com a Faculdade de Filosofia Católica até a criação da Universidade nos anos de 1960. A autora também escreveu livros didáticos sobre o passado sergipano. Em parceria com professora Terezinha Oliva escreveu, por exemplo, “Conhecer a história de Sergipe” de 1998. Também fez parte da equipe do “Atlas Escola Sergipe”, publicado em 2007.

OS TRABALHOS DE BACHARELADO DO CURSO DE HISTÓRIA UFS NOS ANOS DE 1980 E INÍCIO DOS ANOS DE 1990

Na década de 1980 existiu uma série de trabalhos do bacharelado em História. Todos os candidatos só eram aprovados a partir de uma arguição de uma banca. O aluno tinha que apresentar seu projeto de pesquisa na disciplina Pesquisa Histórica I, antes de apresentar a monografia para a conclusão do curso. Essa apresentação consistia numa banca que exigia as seguintes etapas: capa, apresentação, justificativa, definição do problema, objetivos, construção teórica, hipóteses de trabalho, documentação, métodos e técnicas, cronograma de atividades, abreviaturas, fontes e bibliografia e os anexos contendo as fichas de pesquisas. A monografia era defendida para obter os requisitos da disciplina Pesquisa Histórica II. Todas essas etapas tinham que ser cumpridas rigorosamente. O aluno deveria apresentar um estudo inédito em um determinado tema. Esse processo fazia parte da continuação da institucionalização do saber histórico nos caminhos da profissionalização.

Poucos alunos seguiram esse caminho após a conclusão do curso de licenciatura em História. Nos anos de 1980 ainda não havia especialização em História ou ciências afins. Somente poucos anos depois começou a surgir pós-graduação, *estricto sensu*, em ciências sociais e educação. O bacharelado, assim, tornava-se a única alternativa em Sergipe na continuação dos estudos na área da História. Entre os trabalhos que foram defendidos estão: “A Política das Salvações: um estudo de caso”, de Josevânea Mendonça Franco; “Fundo de Emancipação de Escravos em Sergipe” de Josefa Perpetua de C. Lima e SOUZA, Josefa Eliana; “O Ideal Republicano em Sergipe”, de Lourival Santana Santos e “Escravo e Liberdade em Sergipe (1800- 1854)” de Ronaldo Nunes Linhares.

Lourival Santana Santos defendeu sua monografia de bacharelado em 1986. A professora Diana Maria do Faro Leal Diniz foi sua orientadora. Ele optou pelo método comparativo e se cercou de várias fontes perscrutadas nos arquivos. Analisou as primeiras ideias republicanas em Sergipe. Para isto fez a seguinte sequência de estudos: analisou o desenvolvimento do ideal republicano nível nacional, destacando a emergência das novas forças sociais, políticas e econômicas. Em seguida optou pelo que chamou “seguindo as linhas estabelecidas pela nova “historiografia brasileira”, o que concerne à

importância da história regional”. Deteve no enfoque da História política sergipana, analisando o movimento republicano em Sergipe, desde os primórdios até a propagação do movimento. Prosseguindo na sua análise verificou o papel da imprensa, através de suas críticas ao regime monárquico, identificando, em seguida, a linha evolucionária de ação dos republicanos de Sergipe até a proclamação.

Ronaldo defendeu em 1987. Foi orientando da professora Maria Nely Santos. Em sua banca estavam além de sua orientadora: Maria da Glória Santana de Almeida e Maria Thétis Nunes. Seu trabalho procura dar continuidade aos estudos da História social em Sergipe, especificamente sobre os negros. Empenhou-se em seguir todo o rigor que esse curso exigia nos anos de 1980. Levantou fontes, dialogou com o seu aparato teórico-metodológico, construiu suas hipóteses entre outras exigências para a entrega do projeto e da monografia. Consultou como fontes primárias as “cartas de Alforrias” registradas nos livros de notas e Escravaturas. Incluiu documentos relacionados a compra e venda de propriedades, contratos de hipotecas e de empréstimos, procurações etc. Deu especial atenção aos Testamentos e Inventários. Linhares estava seguindo a perspectiva do método serial que predominou no final dos anos de 1970 e 1980. Todavia, não abandonou os indicadores qualificativos valendo-se do método hipotético-dedutivo. O seguia como construção teórica do seu trabalho a ideia, muito comum nos anos de 1980, da existência de um modo de produção escravista, em comum acordo com Jacob Gorender. O negro era considerado um modo de produção.

CONCLUSÃO

Muitos textos produzidos dos anos de 1970 aos dias atuais não apareceram nesta nossa lição. Eles certamente serão citados no decorrer das atividades que iremos propor aos alunos em semestres diferentes. Precisamos de mais levantamento de dados sobre a circulação do saber nesses anos. Necessitamos ter um painel geral da produção das monografias de conclusão de curso em licenciatura e bacharelado em História da UFS. Também das monografias de conclusão desse mesmo curso produzidas no projeto PQD (programa de qualificação docente), EAD (Ensino à distância), das especializações em História. Outro painel deve incluir os trabalhos de conclusão de curso de Ciências Sociais, Geografia e outros cursos do Centro de Ciências Humanas da UFS que versaram sobre o passado sergipano. Devem entrar, sobretudo, nesse painel as dissertações e teses. Por fim, há ainda muitos trabalhos escritos não publicados que merecem ser depois inclusos. Todos os estudos não impressos devem ser arrolados e analisados porque eles fazem parte da instituição UFS.

Outros textos importantes deverão ser apreciados por professores do departamento de História que passaram no concurso na década de 1990

em diante. Como os textos do professor Francisco José Alves, Ruy Belém, Lourival Santana Santos, Verônica Maria Menezes Nunes, Fernando Sá, Eduardo Pina, Claudefranklin Monteiro Santos, Itamar Freitas, Petrônio Domingues, Samuel Alburquerque, Péricles Andrade, Jorge Carvalho, Izabel Ladeira e Antônio Lindvaldo Sousa. Também há outras produções que marcaram a Historiografia Sergipana e devemos apreciar textos individualizados como o do professor Josué Passos sobre escravidão em Sergipe, o mercado de trabalho na transição da mão de obra escrava para a livre e outros temas de História econômica que o mesmo pesquisou.

Espero que ao longo de outros semestres possamos incluir os diversos trabalhos produzidos (incluindo TCC, dissertações, teses) de autores de outros “lugares” de pesquisa em Sergipe onde tem o curso de licenciatura em História (como a UNIT – Universidade Tiradentes, da FJAV – Faculdade José Augusto Vieira). Também a apreensão da produção sobre História Sergipana em outras Instituições de Ensino Superior no Brasil (do departamento de História da UFBA, UFPE, UFF, UFRJ, entre outras universidades brasileiras). Muitas dissertações e teses de mestrado vêm sendo produzidas por nossos alunos do curso de História da UFS.

Estes cinco capítulos foi uma tentativa apressada de termos uma visão geral de nossa historiografia do final do século XIX aos dias atuais (anos de 1980). Que eles sirvam de estímulo aos alunos para trilharem nos caminhos da historiografia brasileira, especialmente regional ou ajudem em parte nas revisões das literaturas de diversos objetos de estudos.

Que outros estudiosos prossigam esta tarefa de conhecer o passado sergipano via a análise dos textos historiográficos.



Lendo atentamente esta primeira lição, responda:

1. Por que o texto “Introdução a Historiografia Sergipana”, produzido por José Calasans Brandão da Silva, nos anos de 1970, pode ser compreendido como uma produção de um campo pouco percorrido pelos historiadores nessa fase em que ele escreveu o mesmo? Justifique sua resposta.
2. O que seria essa análise historiográfica?
3. Qual a importância dos textos de Silvério Leite Fontes e José Calasans B. da Silva para a Historiografia Sergipana nos anos de 1970?
4. Quais as produções dos anos de 1980 na Historiografia Sergipana?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para responder a primeira pergunta busque situar o texto de Silva no debate dos problemas da Historiografia Brasileira nos anos de 1970. Para obter êxito na segunda leve em consideração o que seria um texto historiográfico. Nas últimas perguntas atente para o papel de Fontes como articulador dos trabalhos do departamento de História da UFS. Idem a Silva. Mesmo morando fora ele foi consultado por diversos historiadores sergipanos quando estavam escrevendo suas dissertações ou o chamaram para palestras e escrever prefácio de livros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. Sergipe: fundamentos de uma economia dependente. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. NOTA PRÉVIA SOBRE A PROPRIEDADE CANAVIEIRA EM SERGIPE- SÉCULO XIX. Separata dos Anais do VIII Simpósio Nacional de História, Aracaju, set-1975, São Paulo, 1976.
- _____. A Barra da Cotinguiba e o Açúcar. 1840/1850, Texto apresentado ao V Simpósio de História do Nordeste, Aracaju, 14-18 de agosto de 1973.
- _____. Nordeste Açucareiro (1840-1875). Desafios num processo do via-a-ser capitalista. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Banese, 1993.
- _____. ATIVIDADES PRODUTIVAS. In DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (Org). Textos para a História de Sergipe. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 1991, p. 61-125.
- BATISTA, Sônia Maria Soares (Coord.) Memória Histórica da indústria sergipana. Rio de Janeiro: IEL/SENAI. Divisão de Pesquisa, Estudos e Avaliação, 1986.
- BENJAMIN, Walter, Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana. In Sobre arte, técnica, linguagem e política. Lisboa: Relógio d'água, 1992.
- _____. BENJAMIN, W. O narrador. In: BENJAMIN, W. (Ed.). Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- CADERNOS UFS: HISTÓRIA. José Silvério Leite Fontes. Entrevista. São Cristóvão: UFS; PDPH, DHI, EDUFS (3), 1996, p. 7-15.
- _____. Ibarê Dantas. Entrevista. São Cristóvão: UFS; PDPH, DHI, EDUFS (2), 1996, p. 7-16.
- _____. Terezinha Alves de Oliva. Entrevista. São Cristóvão: UFS; PDPH, DHI, EDUFS (11), 2010, p. 5-17. Cf também em; OLIVA, <http://>

antoniolindvaldosousa.blogspot.com.br/2011/06/entrevista-com-historiadora-terezinha.html, cap. em 18 de abril de 2013.

CELESTINO, Uldir do Espírito Santo. A obra histórica de Acrísio Torres Araújo: uma leitura da “Pequena História de Sergipe”, S. Cristóvão, 2007, Monografia de conclusão do curso de licenciatura em história, DHI, UFS. CDPB – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO. JACKSON DE FIGUEIREDO (1891/1928): Bibliografia e Estudos Críticos. Salvador, 1999. Cf. http://www.cdpb.org.br/jackson_figueiredo.pdf cap. em 13 de março de 2013.

DANTAS, Beatriz G. Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988

_____. Dança de São Gonçalo. Cadernos de Folclore. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: Departamento de Assuntos Culturais. Fundação Nacional de Arte; São Cristóvão: CECAC/ Comissão Sergipana de Folclore, UFS, no, 9

_____. Chegança. Cadernos de Folclore. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: Departamento de Assuntos Culturais. Fundação Nacional de Arte; São Cristóvão: CECAC/ Comissão Sergipana de Folclore, UFS, no. 14, 1976.

_____. Repertório de Documentação para a História Indígena. Arquivo Público Estadual de Sergipe. São Paulo: NHI/USP; FAPESP, 1993

_____. De feiticeiros a comunistas: acusações contra o Candomblé. Comunicação à Reunião Anual da SPBC, 1982.

_____. A organização econômica de um terreiro de Xangô. In: Religião e sociedade, n. 4. Rio de Janeiro, Iser, out. 1979.

_____. A taeira de Sergipe. Petrópolis: Vozes, Coleção Vozes do mundo moderno 7,1972.

_____. Repensando a pureza nagô. In: Religião e Sociedade, n. 8. Rio de Janeiro: Cortez e Tempo e Presença, 1982.

___ O negro e a cultura sergipana. Trabalho apresentado no I Seminário de Pesquisa da UFS. Novembro de 1988.

_____; DALLARI, Dalmo de Abreu. Terra dos índios Xocó: estudos e documentos. São Paulo: Comissão Pró-Índio, 1980.

___ ÍNDIOS EM SERGIPE. In DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (Org). Textos para a História de Sergipe. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 1991, p. 19- 60.

DANTAS, José Ibarê. História de Sergipe República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

_____. Eleições em Sergipe (1985 a 2000). 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

_____. O Tenentismo em Sergipe (Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930). 2. ed. Aracaju: J. Andrade / FUNCAJU, 1999.

_____. A Tutela Militar em Sergipe (1964/1984): Partidos e Eleições num Estado Autoritário. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. Os Partidos Políticos em Sergipe (1889/1964). 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. Coronelismo e Dominação. 1. ed. Aracaju: Diplomata/UFS, 1987.

_____. A Revolução de 1930 em Sergipe. Dos Tenentes aos Coronéis. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

_____. O Tenentismo em Sergipe (Da revolta de 1924 à Revolução de 1930). 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

DINIZ, Diana Maria de Faro Leal. Nota sobre a História do Algodão em Sergipe. Separata da Revista do IHGSe, no. 27, 1965 – 1978.

_____. (Org). Textos para a História de Sergipe. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 1991.

_____. A PROPRIEDADE DA TERRA E A QUESTÃO AGRÁRIA. In Textos para a História de Sergipe. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 1991, p. 167-199.

FERNANDES, Cléa Alves Figueiredo. Jackson de Figueiredo: uma trajetória apaixonada. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Enforcados: o índio em Sergipe Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. História de Malhador. 1979, s/ed

_____. História Política de Sergipe. Volumes 1 a 5. 1º. Volume em 1986.

FIGUEIREDO, Jackson. A Reação do Bom Senso. Aracaju, 9 de outubro de 1891, s/e.

Read more: <http://portugues.free-ebooks.net/ebook/A-Rea-o-do-Bom-Senso#ixzz2RTJPMCjW>

FONTES, José Silvério. O Levantamento das fontes primárias da história de Sergipe. Aracaju: cadernos da Universidade Federal de Sergipe, 1972, p.4, no. 01.

_____. RAZÃO E FÉ EM JACKSON DE FIGUEREDO. São Cristóvão: Editora da UFS, 1998.

_____. IGREJA E SÉCULO. Centenário da Rerum Novarum.1891-1991. Comentários. Aracaju, s/e, 1991.

_____. A História como Ciência. Trabalho apresentado no XI Simpósio da ANPUH. São Cristóvão: Cadernos do PDPH, s/d. O IX simpósio foi em 1977.

_____. Para uma Filosofia da História. Revista da Faculdade Católica, 1967, ano VII, ano 2, p.44-51

FRANCO, Josevânea Mendonça. “A Política das Salvações: um estudo de caso”. Monografia de Bacharelado em História, São Cristóvão, DHI/UFS, 1982.

FREITAS, Itamar. Historiografia sergipana. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007.

- GONÇALVES, Maria Andrade. O PROCESSO DE FORMAÇÃO E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE SERGIPE. In DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (Org). Textos para a História de Sergipe. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 1991,p. 251-294
- _____. Arquivo da Cúria Metropolitana. Cadernos do PDPH, DHI, UFS, S/d.
- LIMA, Josefa Perpetua de C; SOUZA, Josefa Eliana. Fundo de Emancipação de Escravos em Sergipe. Monografia de conclusão do bacharelado em História. DHI, UFS, 1983
- LINHARES, Ronaldo Nunes. Cartas de Alforria em Sergipe (1800-1854). Monografia de conclusão do bacharelado em História. DHI, UFS, 1987.
- MOURA, Maria das Graças Menezes. “Levantamento da imprensa operária Estado de Sergipe”. São Cristóvão: Cadernos do PDPH/ dhi/ufs, 1986.
- MENEZES, Ademir Pinto de Menezes José Silvério Leite Fontes: uma contribuição à historiografia de Sergipe, São Cristóvão, monografia de conclusão de curso de licenciatura em História, DHI/UFS,1998
- NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. JOSÉ CALASANS E CANUDOS: a história é reconstruída. Salvador: EDUFBA, 2008. Este livro foi sua dissertação de mestrado. Cf. http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/Jose_Calazans_-_A_Historia_Reconstruida.pdf, cap. 12 de fevereiro de 2013.
- NUNES, Maria Thétis. Inventário dos documentos Relativos ao Brasil existentes no arquivo Histórico ultramarino. Cadernos do PDPH, DHI, pesquisa 5.
- _____. Introdução. In: SILVA, José Calazans Brandão da Aracaju e Temas Esparsos. Aracaju: Governo do Estado do Sergipe/ FUNDESC, 1992, p. 05-06.
- _____. História de Sergipe a partir de 1820, Rio de Janeiro: Editora Cátedra\ Instituto Nacional do livro, 1978.
- _____. Sergipe Colonial II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____. Sergipe Provincial I (1820-1840). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- _____. Sergipe Provincial II (1840-1889). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro\ Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 2006.
- _____. Sergipe Colonial I, São Cristóvão: Editora da UFS\Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2006. _____. Ocupação Territorial da Vila de Itabaiana: a disputa entre lavradores e criadores. Separata dos Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, Aracaju, setembro de 1975, São Paulo, 1976.
- _____. Inácio Barbosa: o presidente progressista. Jornal da Cidade, Aracaju, sexta-feira, 14 de março de 2008, B-6, Opinião.
- _____. Parabéns, Sr. Governador Dr. Marcelo Deda. Jornal da Cidade, Aracaju, sexta-feira, 4 de abril de 2008, B-8, Opinião.
- _____. “O escravo negro e as culturas de subsistência na Capitania de Sergipe d’El Rey”, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, n.33 (2000/2002), p. 199-208.

- ____ Homenagem Póstuma à José Silvério Leite Fontes. Cf. <http://silveriofontes.com.br/biografia.htm> , cap em 15 de março de 2013.
- OLIVA, Terezinha. Impasse do federalismo brasileiro (Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso). Rio de Janeiro: Paz e Terra/ São Cristóvão: UFS, 1995.
- ____. Estruturas de poder. In DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (Org). Textos para a História de Sergipe. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 1991, p. 127-166
- ____ FALANDO DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS. Jornal da Cidade, Aracaju, 1990.
- OLIVEIRA, João Paulo Gama. DISCIPLINAS, DOCENTES E CONTEÚDOS: ITINERÁRIOS DA HISTÓRIA NA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE (1951-1962). Dissertação apresentada à Banca Examinadora como pré-requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eva Maria Siqueira Alves, 2011.
- REIS, José Carlos. A História metódica, dita “Positivista”. Pós-História, Assis-SP, 03:41-55, 1995.
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo. A historiografia sergipana nos últimos 50 anos: tentativa de avaliação crítica. In: GLEZER, Raquel (Org.), Do passado para o futuro: Edição comemorativa dos 50 anos da ANPUH. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 343-360.
- SANTOS, Lenalda Andrade. A Oligarquia Açucareira e a crise: Sergipe (1855-1890). Niterói, dissertação de mestrado em História, UFF, 1979.
- ____. Curso de História: Resgate da Memória Histórica. In: UFS – história dos cursos de graduação. Org. Maria Stella Tavares Rollemberg E Lenalda Andrade Santos. São Cristóvão/Se, 1999, p. 158-170
- ____ e OLIVA, Terezinha Alves de. Para conhecer a História de Sergipe. Aracaju: Opção Gráfica e Editora Ltda, 1998.
- ____ ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO. In DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (Org). Textos para a História de Sergipe. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Banco do Estado de Sergipe, 1991, p. 203-249.
- SANTOS, Lourival SantaNA. O Ideal republicano em Sergipe. Monografia de bacharelado em História, DHI, UFS, 1986.
- SANTOS, Maria Nely. A participação de Sergipe na II Grande Guerra. São Cristóvão: Cadernos do PDPH/DHI, UFS, S/D.
- ____. Professora Thétis: uma vida. Aracaju: Gráfica Pontual, 1999
- ____. Aracaju: um olha sobre sua evolução. Aracaju: triunfo, 2008.
- SILVA, José Calazans Brandão da. Introdução ao Estudo da Historiografia sergipana. In: Aracaju e Temas Esparsos. Aracaju: Governo do Estado do Sergipe/ FUNDESC, 1992.
- SOUSA, Antônio Lindvaldo. Temas de História de Sergipe I. São Cristóvão: Cesad/Se,

_____. Temas de História de Sergipe II. São Cristóvão: Cesad/Se, 2010.
SOUZA, Edson Rezende de. O ISEB: A INTELIGÊNCIA BRASILEIRA
A SERVIÇO DO NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO NA
DÉCADA DE 1950. II Encontro Memorial, Mariana, 2009, <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/h563.pdf>, capturado em 18 de abril de 2013.